



**PROTAGONISMO PARA
TERRITÓRIOS RESILIENTES**
relatório social 2017/18

fundação **alphaville**



EDITORIAL

MAIORIDADE: UMA CONQUISTA A SE COMEMORAR

Em 2018 a Fundação Alphaville completou 18 anos de atuação. Costumamos dizer que a organização atingiu a maioridade: já construiu a sua identidade, pois sabe quem é e a que veio; desenvolveu profunda responsabilidade sobre os territórios em que está presente; alcançou, projeto após projeto, autonomia para ter o poder de decidir com as comunidades sobre as melhores soluções locais; e deu os primeiros passos para conquistar a independência necessária para escrever os próximos capítulos de sua história.

Como todo processo de amadurecimento, o da Fundação Alphaville foi conquistado a partir de anos de aprendizado nas comunidades com as quais já atua e com a relação de confiança estabelecida com a Alphaville Urbanismo, sua principal mantenedora, o que lhe permitiu consolidar a sua atuação e entender que é capaz de olhar além.

Dois exemplos importantes de acontecimentos que pontuam a emancipação da organização são a consolidação de sua metodologia de trabalho, Convivência que Constrói; e o lançamento de um novo posicionamento institucional, Protagonismo para Territórios Resilientes.

O novo posicionamento é resultado da visão estratégica da Fundação, que assume a sua responsabilidade como negócio social. Além disso, possibilitou ampliar o alcance das ações realizadas, fez com que fossem percebidas sinergias entre os projetos e está diretamente relacionado à metodologia de atuação da organização, baseada no olhar apreciativo, na escuta e na convivência.

Para nós, equipe da organização, a data é de grande comemoração. São quase duas décadas de muito trabalho, com desafios superados e lições aprendidas. Para celebrar o amadurecimento da Fundação, resolvemos publicar este Relatório de Atividades em caráter especial, com os principais projetos realizados atualmente, resultados atingidos e os marcos da nossa trajetória. Esperamos que as conquistas aqui relatadas sirvam de inspiração e nos motivem para muitos outros anos de caminhada, com novos territórios contemplados e desafios a serem superados!

Boa leitura!

Fernanda Toledo
**Diretora Executiva da
Fundação Alphaville**





IDENTIDADE



QUEM É A FUNDAÇÃO ALPHAVILLE?

A Fundação Alphaville já atingiu as vidas de mais de meio milhão de pessoas por meio de projetos únicos, desenvolvidos sempre sob medida e de forma colaborativa.

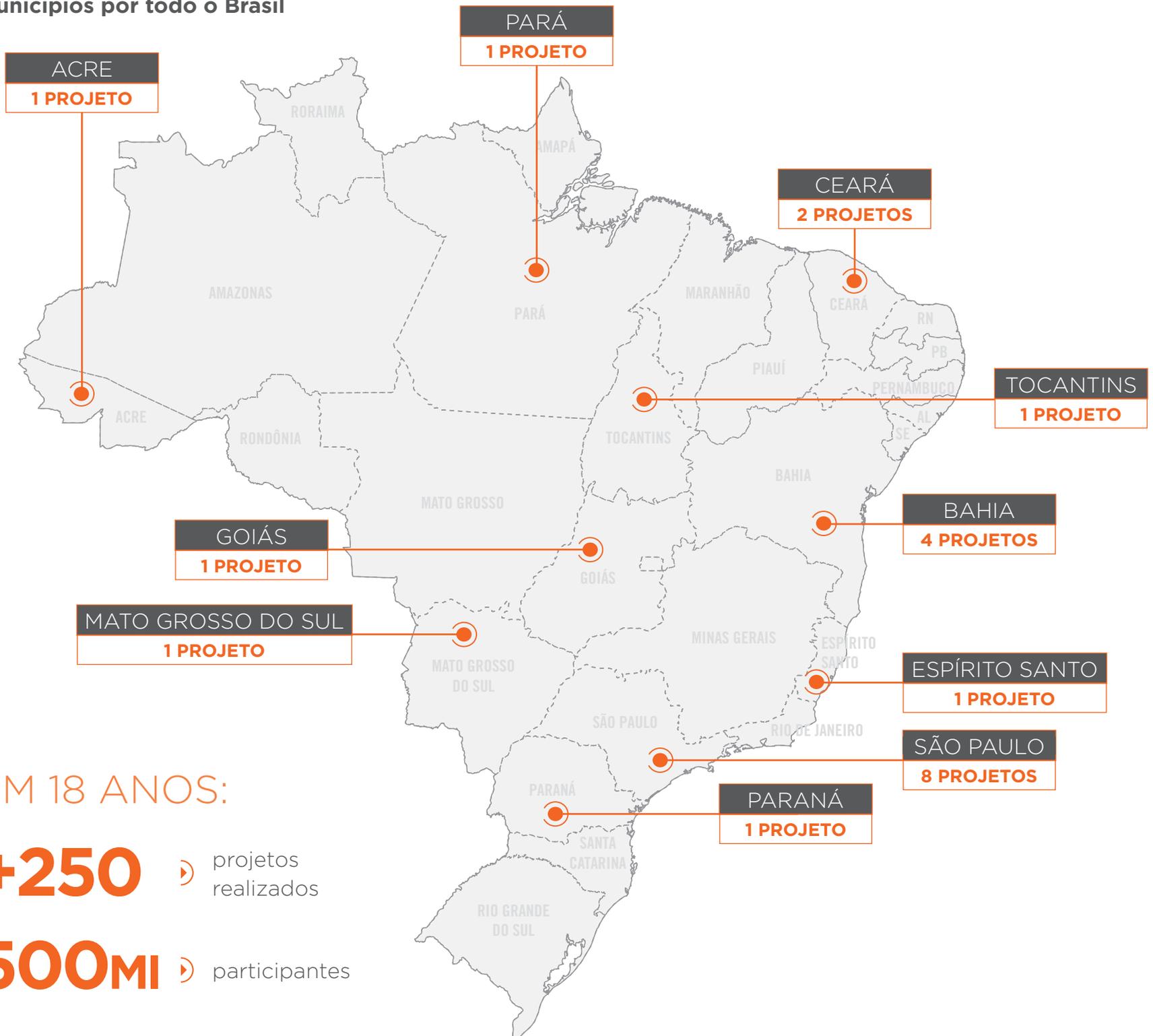
Com uma metodologia baseada no olhar apreciativo, sensibilidade, empatia e convivência, utiliza técnicas de Permacultura, Programação Neurolinguística e até Constelação Sistêmica Familiar para promover, antes de tudo, o autoconhecimento e o respeito pelas próprias fortalezas nas comunidades em que atua.

Ao completar 18 anos de atuação, a Fundação Alphaville está se emancipando. Por ter a sua **identidade** já construída e fortalecida, está pronta para “sair de casa” e “ganhar o mundo”.

Saiba, neste capítulo, como funciona e a que veio a Fundação Alphaville.

FUNDAÇÃO EM NÚMEROS

21 projetos em andamento entre 2017 e 2018, distribuídos em 15 municípios por todo o Brasil



EM 18 ANOS:

+250 ▶ projetos realizados

500MI ▶ participantes

LINHA DO TEMPO

Do nascimento à emancipação, conquista por conquista

Nascimento da Fundação Alphaville.



2000

Nasce o CES (Centro de Educação para Sustentabilidade) Alphaville, em Santana de Parnaíba, construído com tecnologias sustentáveis e arquitetura voltada para a bioconstrução. É um espaço público mantido em parceria com a Prefeitura Municipal. Possui um Programa de Educação para Sustentabilidade que atende a diversos públicos de Santana de Parnaíba e região e promove o desenvolvimento local. Capacita alunos e professores da rede municipal, além de atender a comunidade com as atividades e projetos gratuitos do espaço.



2008



Lançamento da primeira turma do Programa Jovem Sustentável, uma das principais metodologias da Fundação, hoje presente em cinco estados.

Criação do primeiro Centro de Estudos em Eusébio (CE). É o começo das parcerias acadêmicas para fortalecer territórios. Surge, assim, o CEAC (Centro de Estudos de Aquicultura Costeira), em parceria com a Universidade Federal do Ceará. Hoje, abriga um dos principais núcleos de pesquisas de ostras e mariscos do mundo.

2012



Inauguração do CEA (Centro de Educação Ambiental) em Jacuí (ES). Com estrutura ecoeficiente, possui sala de arqueologia reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com os artefatos arqueológicos encontrados na região, que direcionaram nova compreensão sobre a história local. É um espaço aberto, gratuito e mantido em parceria com a Prefeitura de Serra, região da grande Vitória.

É criado o CES (Centro de Educação para Sustentabilidade) Carapicuíba. Construído de forma ecoeficiente, possui certificação francesa de construção sustentável AQUA-HQE, da Fundação Vanzolini. Espaço gerido pela Prefeitura Municipal de Carapicuíba que oferece ferramentas de educação para sustentabilidade à população local.



O programa Criando Comunidades, que fortalece as comunidades internas dos residenciais da Alphaville Urbanismo, é reformatado e passa a receber a metodologia da Fundação. É formada a primeira turma de Agentes Criativos em Sustentabilidade, com o objetivo de estimular o protagonismo interno dos funcionários da Alphaville.

O Programa Jovem Sustentável Cidadania Digital é reconhecido como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil.

Tem início o processo de reposicionamento institucional da Fundação.

2015

2016

2017

2018



Primeira parceria internacional, com a Universidade do Sul da Califórnia (USC). Em 2016, estudantes da instituição de ensino realizaram um laboratório nos projetos da Fundação Alphaville no Ceará, reconhecidos pelo forte impacto em políticas públicas no município do Eusébio.



Consolidação da metodologia de desenvolvimento de comunidades elaborada pela Fundação Alphaville, nomeada de Convivência que Constrói.

A metodologia Convivência que Constrói recebe o prêmio TOP de Sustentabilidade ADVB.

Tem início a participação em redes do setor (Rede America, GIFE e Ethos).

A Fundação atinge a maturidade em Gestão e Governança, o que faz com que passe a contribuir para áreas de não influência da Alphaville Urbanismo, fortalecendo a sua atuação como organização de interesse público.

A metodologia Convivência que Constrói recebe o Selo Benchmarking, do Instituto Mais, como uma das melhores práticas do ano.

CONVIVER, CONSTRUIR E EMANCIPAR

Com o fortalecimento de seu posicionamento e de sua metodologia, Convivência que Constrói, a Fundação Alphaville atinge a maioria, caminha para a sua emancipação e para tornar-se referência no terceiro setor

A história da Fundação Alphaville começou junto de sua mantenedora, a Alphaville Urbanismo, que tem como missão desenvolver empreendimentos urbanísticos de qualidade, com respeito ao meio ambiente e à sociedade. “O objetivo inicial da Fundação era criar uma relação com a comunidade dos entornos dos empreendimentos e direcionar os impactos positivos”, conta Cláudia Yassuda, diretora de Negócios e de Operações da Alphaville Urbanismo e presidente do Conselho da Fundação Alphaville.

A partir daí surgiram centenas de projetos, tão diversos e particulares quanto os públicos que contemplam. Fernanda Toledo, Diretora Executiva da Fundação, conta que para cada caso são construídas soluções específicas de desenvolvimento em conjunto com as comunidades. “Todos os projetos partem da mesma metodologia e respeitam a vocação dos grupos trabalhados”, destaca.

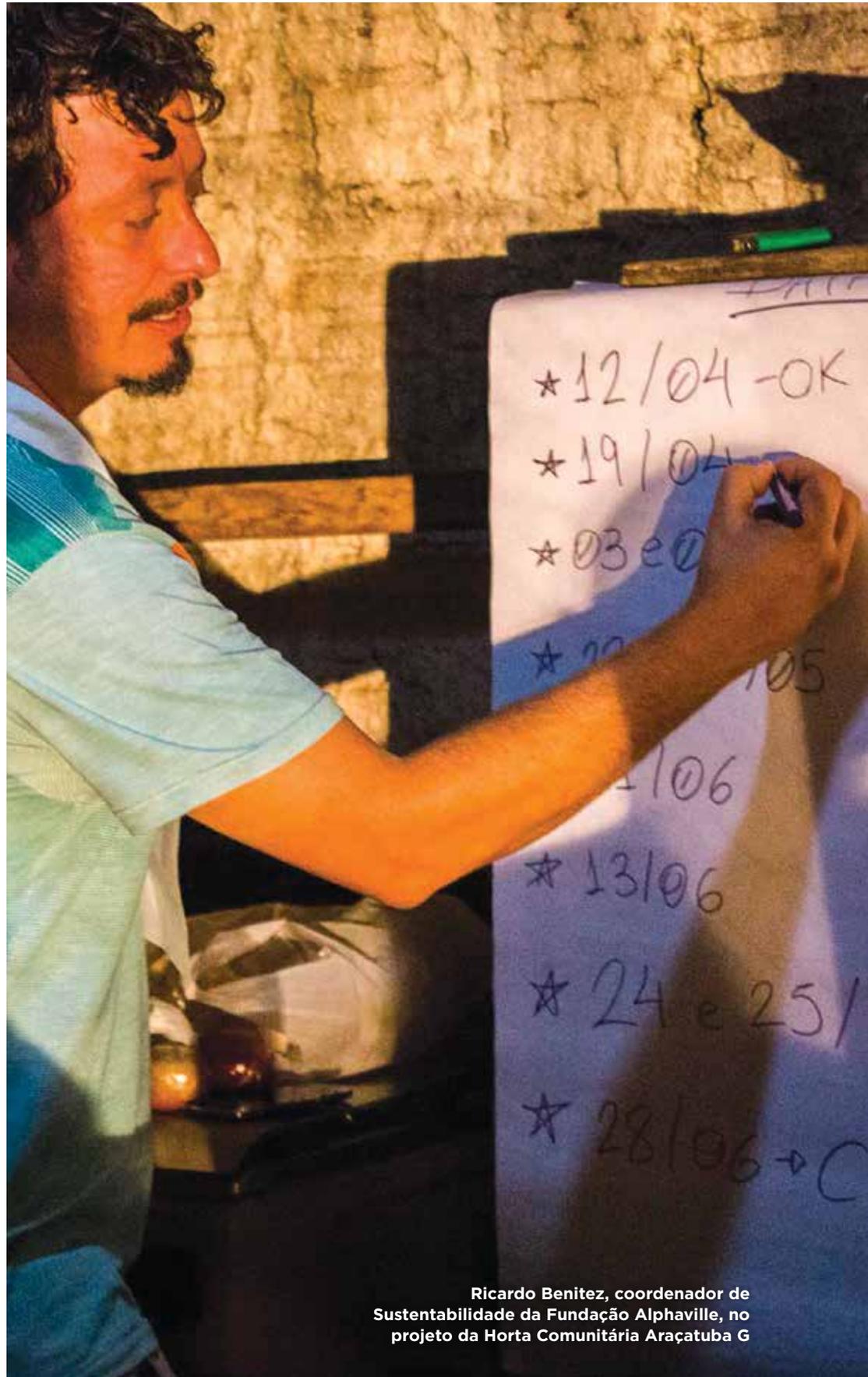
A QUE VEIO A FUNDAÇÃO ALPHAVILLE

MISSÃO:

Estimular o protagonismo social por meio da construção coletiva, da inclusão socioeconômica e da educação para sustentabilidade, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de territórios resilientes.

VISÃO:

Ser a referência em tecnologias sociais para o desenvolvimento de territórios resilientes.



Ricardo Benitez, coordenador de Sustentabilidade da Fundação Alphaville, no projeto da Horta Comunitária Araçatuba G

POSICIONAMENTO E METODOLOGIA

Essa forma tão singular de atuação foi aprimorada ao longo dos anos. Quando a organização – caracterizada como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) desde 2012 – se aproximou dos 18 anos de atuação, resolveu marcar a própria emancipação com o fortalecimento de seu posicionamento, a consolidação de sua metodologia de trabalho e a criação de um plano de comunicação para fortalecer institucionalmente a entidade.

“Os projetos eram muitos diversos, com causas, territórios e atores diferentes, e com isso veio a necessidade de encontrarmos o elo que representasse o mesmo posicionamento para todos”, afirma Aline Oliveira, coordenadora de Comunicação da Fundação. Por meio de um trabalho colaborativo, a própria equipe entendeu qual era o fio condutor que permeava todas as iniciativas e chegou ao novo posicionamento: Protagonismo para Territórios Resilientes.

“O novo posicionamento foi resultado da visão estratégica de uma organização que assume a sua responsabilidade como negócio social”, complementa Fernanda Toledo. Ela afirma que o trabalho desenvolvido com o novo posicionamento foi muito importante para ampliar o alcance das ações realizadas e perceber sinergias entre os projetos.

Segundo Aline, a intervenção direta da Fundação acontece com as pessoas, pois “são elas que se veem como protagonistas de seus espaços, interferem nos territórios e os tornam mais capazes de enfrentar adversidades”. O posicionamento está diretamente relacionado à metodologia da organização, Convivência que Constrói, baseada no olhar apreciativo, na escuta e na convivência. “Ao chegarmos nas comunidades, fazemos um diagnóstico social, conhecemos o território, quais os equipamentos existentes, verificamos se há grupos trabalhando e se já existe uma vocação local”, diz Fernanda. “Ouvimos as lideranças mapeadas e identificamos os assuntos pertinentes à nossa atuação.”

“A ATUAÇÃO DA FUNDAÇÃO FOI MAGNÍFICA. O PROJETO FOI EXTREMAMENTE IMPORTANTE E EMOCIONANTE, POIS VIMOS ADOLESCENTES INFRATORES CONSERTAREM O RUMO, DEIXANDO DE LADO OS ATOS INFRACIONAIS. ELES DEIXARAM AS DROGAS, MUITOS ESTÃO TRABALHANDO. HOUE UMA GRANDE EVOLUÇÃO PARA ELES.”

Dr. Glauber Rocha Soares
promotor de Senador Canedo (GO),
 sobre o Programa Jovem Sustentável Aprendiz

COMO FAZEMOS

OUVIR PARA ANALISAR E COMPREENDER O CENÁRIO LOCAL:

| **As pessoas** | **As organizações** | **O território** | **Os problemas e desafios** | **Os potenciais** |

DIALOGAR PARA PLANEJAR E CONSTRUIR INTELIGÊNCIA SOCIAL COM DIFERENTES PÚBLICOS:

| **Comunidade** | **ONGs** | **Universidades** | **Poder público** | **Iniciativa privada** |

AGIR EM CONJUNTO PARA IMPLEMENTAR E DIVIDIR RESPONSABILIDADES:

| **Engajamento de todos os públicos no processo de construção das transformações** |
 | **Construção das condições para que o projeto tenha perenidade** |

EMANCIPAR PARA FORTALECER PESSOAS E TERRITÓRIOS:

| **Sedimentação dos conhecimentos pelos grupos, agora capazes de desenvolver sozinhos suas intervenções e garantir novas possibilidades de desenvolvimento** |



Participantes do projeto Horta Comunitária Araçatuba G durante reunião

Na próxima fase, a do diálogo, os membros da equipe da Fundação atuam como facilitadores do processo. “Na convivência as construções vão acontecendo, as pessoas conversam, se reconhecem no território e conseguem perceber como uma contribui para a outra”, complementa Aline. Os grupos debatem e elencam qual projeto pode ser desenvolvido. Com o projeto definido, tem início a etapa de agir em conjunto. “Planejamos, damos ferramentas e em seguida vamos para a ação propriamente dita, que é executar o projeto”, pontua Fernanda. A Fundação está presente até o momento em que as comunidades podem se emancipar e tocar os projetos sozinhas.

Para Cláudia Yassuda, diretora de Negócios e de Operações da Alphaville Urbanismo, a consolidação da metodologia como tecnologia social é parte do amadurecimento da organização. Ela dá como exemplo o Programa Jovem Sustentável – Cidadania Digital (PJS), que atende a jovens de Eusébio, no Ceará, e Barra dos Coqueiros, em Sergipe. O PJS conquistou em setembro de 2017 o certificado de Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil. Portanto, pode ser replicado por outras organizações em qualquer lugar do país. “Com o reconhecimento de que nossas tecnologias são replicáveis, a Fundação pode dar um grande salto, que é contribuir com o impacto dos projetos em outros territórios, a partir da atuação de outras organizações sociais. Além disso, a credibilidade do nosso trabalho na condução das metodologias também assegura que possamos ofertar essa aplicação a outros órgãos e empresas, e com isso caminhamos a favor de nossa sustentabilidade financeira e expansão.”

Especialista em investimento social privado, Margareth Goldenberg participou do desenvolvimento do posicionamento, da metodologia e do plano de comunicação da Fundação. Ela afirma que existe “uma riqueza e sofisticação muito grandes na metodologia usada para ouvir e dialogar com as comunidades”, e que “a construção em conjunto com esses grupos é realmente genuína”.

“O NOVO POSICIONAMENTO FOI RESULTADO DA VISÃO ESTRATÉGICA DE UMA ORGANIZAÇÃO QUE ASSUME A SUA RESPONSABILIDADE COMO NEGÓCIO SOCIAL.”

Fernanda Toledo
Diretora Executiva da Fundação Alphaville



Diandra Thomaz, analista de Projetos Sociais da Fundação Alphaville, em ação do projeto Horta Comunitária Araçatuba G

CAPTAÇÃO DE RECURSOS E PARCERIAS

Hoje, os recursos que mantêm a Fundação Alphaville são recebidos de três principais frentes: o investimento social privado, realizado pela mantenedora Alphaville Urbanismo, utilizado para manutenção da estrutura administrativa e operacional da organização, além da realização de projetos nas áreas de influência dos empreendimentos da empresa; portfólio de metodologias que podem ser ofertadas para outros órgãos ou empresas; e parcerias de co-investimentos com organizações locais, para a realização de projetos de objetivo comum.

A articulação entre agentes públicos, privados e sociedade civil é essencial para o sucesso dos projetos de desenvolvimento comunitário. “A Fundação tem um período determinado para investimento em cada projeto, e com as articulações é possível potencializar esses recursos”, explica Graça Oliveira, coordenadora de Projetos Sociais.

Na visão de Cláudia Yassuda, diretora da Alphaville Urbanismo, os investidores locais são essenciais para formar uma verdadeira rede de apoio após a emancipação dos projetos, auxiliando sua manutenção e longevidade. “Ao longo dos anos começamos a entender que o grande benefício seria amadurecer e dar autonomia aos projetos, pois o fim principal é o desenvolvimento comunitário”, enfatiza Cláudia. “É conseguir realmente criar uma comunidade capaz de se sustentar após a saída da Fundação.”

Graça, que é coordenadora de Projetos Sociais da Fundação, afirma que “nos contatos com os parceiros é preciso ter clareza e firmeza nas negociações, mostrar respeito pelo que a cidade tem de melhor e ouvir o que eles têm a dizer”. Ela conta que a população local reconhece o trabalho da Fundação e a forma transparente como o poder público é acionado para debater e atuar nos projetos. “Muitos parceiros são órgãos públicos, e encontram nos projetos uma forma de apoiar as políticas socioambientais locais”, complementa Fernanda Toledo, diretora Executiva da Fundação, mencionando que diversos projetos já impactaram em políticas públicas.

RELACIONAMENTO COM A MANTENEDORA

Segundo Margareth Goldenberg, consultora da organização, a relação da atuação social com o negócio é um grande desafio para a maioria das fundações empresariais. Para ela, a Fundação Alphaville se destaca nesse ponto, pois mantém uma relação equilibrada com a Alphaville Urbanismo. “Eles têm uma identidade própria de atuação com as comunidades.”

A empresa e a Fundação desempenham trabalhos diferentes, porém complementares. Não por acaso a metodologia da Fundação - Convivência que Constrói - faz alusão direta à palavra “construir”, atividade fundamental da Alphaville Urbanismo. “Enquanto a Alphaville olha o empreendimento e interfere nos territórios, a Fundação atua na área de influência, exerce impacto nas pessoas que vivem no entorno”, ressalta Klaus Monteiro, novo CEO da Alphaville Urbanismo. Ele assumiu, em 2018, a posição até então ocupada por Marcelo Willer, que é atualmente vice-presidente do Conselho da Fundação.

“A urbanizadora começa a desenvolver um empreendimento, realiza um licenciamento urbano e ambiental e hoje, por meio da Fundação, tem um diagnóstico social que fortalece nosso olhar para construirmos nossa licença social para operar, assim somos mais capazes de efetivar uma relação de confiança com as comunidades”, destaca Claudia Yassuda. “É um grande ganho para o negócio e está diretamente relacionado à sua missão, que é buscar o urbanismo sustentável para uma vida melhor.” Ela afirma que, por meio dos projetos, as comunidades criam laços com os empreendimentos e passam a enxergá-los de forma positiva.

Para Adalberto Santos, da Sigmacon, Consultoria em Segurança Corporativa responsável pela segurança dos novos empreendimentos da empresa, a Fundação constrói pontes entre a comunidade e os moradores proprietários dos empreendimentos. Ele conta que, tão logo a Alphaville Urbanismo define uma área para seus empreendimentos, a consultoria de segurança é acionada para prospectar cenários e determinar as necessidades do local, com o objetivo de que o empreendimento seja seguro dentro de padrões de referência para o setor. “Em muitas vezes nos deparamos com comunidades vizinhas com dificuldades materiais e sociais”, observa.

Ele conta que as ferramentas utilizadas pela segurança para minimizar riscos atuam nas consequências dos problemas sociais. “A minha missão é detectar o nível de criminalidade nos entornos e cidades vizinhas, entender os índices e tipologia de criminalidade e determinar quais serão as aplicações de segurança que utilizaremos”, esclarece. “Já a Fundação trabalha nas causas da criminalidade e da violência.”

Ele aponta que, com isso, é mitigado o sentimento de rivalidade e nasce o de parceria e colaboração entre pessoas que vivem nos empreendimentos e nas comunidades vizinhas. “O trabalho da Fundação é fantástico, é uma das maiores ferramentas de segurança”, destaca. “Só assim é possível efetivamente construir uma sociedade mais justa e menos violenta.”

ESTRUTURA PRÓPRIA E EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Uma característica importante e que traz resultados de qualidade é a estrutura da Fundação, que possui equipe própria e multidisciplinar atuando tanto na estratégia quanto na operação. “As pessoas são formadas em diversas áreas que se complementam, e todas tem um alinhamento pessoal com valores sociais”, diz Aline Oliveira, coordenadora de Comunicação. A equipe conta com especialistas em Permacultura, Programação Neurolinguística e em articulações institucionais. Tais áreas de conhecimento permitem contemplar a sustentabilidade local, favorecem o autoconhecimento e a mobilização de pessoas, e promovem o engajamento dos diferentes atores sociais. De acordo com Aline, parte dessa equipe já estava formatada e já usava esses conhecimentos, mas com o novo posicionamento a Fundação passou a fortalecer essas especialidades, que hoje contribuem ainda mais e de forma estratégica para os projetos.

Graça Oliveira, coordenadora de Projetos Sociais, reunida com participantes do Programa Jovem Sustentável - Cidadania Digital





GESTÃO, GOVERNANÇA E GESTÃO DE RISCOS

Fernanda Toledo, diretora Executiva da Fundação, afirma que a organização deve cumprir o papel como fundação empresarial sem perder de vista a sua atuação como terceiro setor. “O modelo organizacional deve possibilitar o desempenho desses dois papéis de forma transparente e com atuação mais ampla no terceiro setor.” Desde que instituiu o seu novo estatuto, em 2017, a organização possui um Conselho Consultivo formado por executivos da Alphaville Urbanismo, que representam o vínculo empresarial, e membros externos, que são referências do mercado.

Conforme estabelecido no estatuto, o diretor executivo passou a ser contratado pela Fundação, e não mais é um profissional da mantenedora que exercia o cargo como voluntário. Isso significa uma gestão mais estratégica e institucional. Diretora da organização, Fernanda afirma que o foco na saúde financeira, nos funcionários e nos indicadores é essencial para o sucesso dos projetos. “O processo de gestão é o mesmo de uma empresa, e as fundações precisam se profissionalizar para serem sustentáveis, o que significa trazer um olhar corporativo para um negócio social.”

Um olhar mais corporativo também diz respeito a uma forma mais analítica, crítica e prudente de gerir as operações. Em 2017, a gestão contratou uma consultoria para levantar os principais riscos aos quais a entidade se submetia em seu dia a dia de trabalho. Foram elencados os pontos de atenção mais importantes, bem como procedimentos para mitigá-los. “O assunto gestão de riscos é uma inovação na área, tanto que apresentamos uma mesa no GIFE [Grupo de Institutos, Fundações e Empresas], pois o nosso case é um dos primeiros do setor”, explica Fernanda.

A gestão dos recursos dos projetos, por sua vez, é feita de forma matricial. Valquiria Falbo, assistente administrativa da Fundação, conta que os recursos são provisionados um ano antes e que cada coordenador tem autonomia para gerir seus projetos. Além disso, há preferência por contratar fornecedores das cidades em que o serviço será executado. Essa política, além de empregar a mão de obra local, ajuda na redução de custos com deslocamentos.

FUTURO E PLANO ESTRATÉGICO

Em 2018 foi criado um Plano Estratégico para os próximos cinco anos da Fundação. Estão incluídos assuntos como: abrangência de atuação no território nacional; plano de Gestão e Governança; sustentabilidade organizacional; consolidação de metodologias e alinhamento às principais tendências globais. “O objetivo que vejo hoje desse plano estratégico é a independência da Fundação”, pontua Cláudia. “É construirmos uma Fundação ligada ao negócio, mas emancipada e reconhecida internacionalmente, com tecnologias sociais que sejam referência para o desenvolvimento de territórios resilientes.”

“NA CONVIVÊNCIA AS
CONSTRUÇÕES VÃO
ACONTECENDO, AS PESSOAS
CONVERSAM, SE RECONHECEM
NO TERRITÓRIO E CONSEGUEM
PERCEBER COMO UMA
CONTRIBUI PARA A OUTRA.”

Aline Oliveira

coordenadora de Comunicação da Fundação

ATUAÇÃO EM REDES DO SETOR

Desde 2017 a Fundação está presente nas mais importantes redes do terceiro setor. Com o estabelecimento do posicionamento e da forma de atuação, surgiu a necessidade de olhar para fora, comparar-se às tendências e se fortalecer com aprendizados e trocas. O movimento teve início com a adesão à Rede America, que reúne mais de 80 organizações de origem empresarial em 14 países da América Latina e Caribe, e atua com a temática de comunidades sustentáveis. “O papel da Rede é criar esse espaço de reflexão sobre a nossa prática, construção de conhecimento, troca de instrumentos e metodologias”, explica Cecília Galvani, coordenadora do Bloco Brasil na Rede America e diretora do Instituto Lina Galvani. “O bloco Brasil se destaca em termos de engajamento e participação, por isso foi reconhecido como bloco de melhor desempenho de 2017”, comemora.

A Fundação também participa do GIFE (Grupo de Institutos Fundações e Empresas), voltado para o investimento social privado. “Essa rede tem objetivos mais institucionais e está pautada no fortalecimento das organizações de fundo de investimento social privado”, afirma Aline Oliveira. Finalmente, a organização também aderiu ao Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, com o objetivo de contribuir para trazer valor agregado à Alphaville Urbanismo.



ACOMPANHAMENTO E MENSURAÇÃO DOS PROJETOS

O diálogo com pessoas, comunidades e suas formas únicas de ser, sonhar e atuar é a essência da metodologia da Fundação Alphaville, Convivência que Constrói, e a base para a criação colaborativa de projetos de desenvolvimento social local. Do olhar apreciativo, escuta e conversa com os diferentes públicos nascem projetos das mais diversas naturezas que têm por objetivo promover mudanças socioeconômicas e culturais capazes de tornar os territórios mais resilientes. Mas como saber se essas intervenções sociais, cuidadosamente planejadas e implementadas, de fato trazem resultados efetivos?

Tais questionamentos conduziram a Fundação Alphaville a adotar um sistema de monitoramento e avaliação capaz de mensurar os impactos de suas ações, fomentar espaços de diálogos internos para orientação e aprimoramento dos projetos, e assegurar a comunicação transparente e confiável dos resultados para participantes, parceiros e sociedade em geral.

O sistema escolhido pela Fundação busca ser simples, objetivo e consistente. Para tanto, integra e contempla os participantes dos projetos, parceiros, coordenadores e equipe gestora da Fundação em todo o processo, desde a coleta de dados até a análise dos impactos alcançados.

O método construído combina dois tipos de avaliação: a de processos e a de impacto. O primeiro é o monitoramento, responsável por levantar dados para auxiliar a tomada de decisões e possibilitar ajustes necessários ao alcance dos objetivos. O segundo é a avaliação de impacto, que permite mensurar as mudanças sociais, ambientais e econômicas produzidas pelos projetos realizados. Assim, são obtidos elementos para decisões a respeito da continuidade dos projetos, e se assegura que os resultados promovidos estejam alinhados às estratégias da Fundação ao mesmo tempo em que produzem bens públicos.

O sistema é fundamentado em uma estrutura de indicadores que vão revelar resultados relacionados à eficiência (avaliação dos processos e da relação atividade x aplicação dos recursos financeiros); eficácia (relacionada ao cumprimento de metas); e efetividade (relacionada aos benefícios e mudanças alcançadas). Integra-se ao sistema a metodologia S-ROI (*Social Return on Investment*), que se propõe a promover a valoração econômica das mudanças sociais alcançadas nos territórios (veja mais no box *Sistema de Monitoramento e Avaliação*).

A aplicação da metodologia S-ROI possibilita à Fundação Alphaville compreender o quanto o seu investimento financeiro gerou de retorno social e, conseqüentemente, como a relação retorno social x investimento local responde à agenda estratégica da organização junto aos seus mantenedores.

O processo de monitoramento e avaliação de projetos teve início em 2017 com a coleta de indicadores dos projetos realizados em Eusébio (CE), dos quais faz parte o Programa Jovem Sustentável - Cidadania Digital (PJS), contemplado neste relatório (*veja o capítulo Autonomia*). Conforme mencionado anteriormente, o PJS tornou-se emblemático para a Fundação Alphaville. Além dos resultados extraordinários alcançados para as comunidades participantes, conquistou em setembro de 2017 o certificado de Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil. Parte importante dos indicadores apurados se encontram neste relatório (*leia mais a respeito no capítulo Autonomia*).

SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Avaliar é uma prática fundamental para definir e desenvolver estratégias organizacionais. Além disso, é condição indispensável para gerenciar projetos, fortalecendo e legitimando a presença da organização e a sua atuação social em cada um dos territórios participantes. Veja abaixo o passo a passo do sistema adotado pela Fundação Alphaville:

- 1. Marco Zero - O início do mapeamento é feito a partir da coleta de dados para construir a base de dados de cada projeto;**
- 2. Eficiência - Esta é a fase em que ocorre o monitoramento e a avaliação dos processos. Inclui a sistematização de dados avaliativos que permitam aos gestores adotarem medidas para aprimorar os resultados. É realizada periodicamente e está apoiada na aplicação da ficha de indicadores sociais. Os dados são coletados com o apoio de participantes e parceiros locais. Há reuniões avaliativas de resultados e são elaborados pareceres.**
- 3. Eficácia - Nesta etapa são avaliados os resultados apurados. É realizada a análise sistemática de dados com o objetivo de produzir informações gerenciais e estratégicas.**
- 4. Efetividade - Na última fase, é avaliado o impacto dos projetos nas pessoas, comunidades e territórios, por meio da metodologia S-ROI (*Social Return on Investment*), que mede o valor social, ambiental e econômico gerado pela intervenção de uma organização.**



RESPONSABILIDADE

SER RESPONSÁVEL PARA SER LIVRE

Atuar com consciência sobre seus próprios atos, sobre os territórios nos quais exerce influência e no que diz respeito às pessoas que coabitam os espaços é o primeiro passo para um movimento de emancipação e independência – afinal de contas, toda liberdade pressupõe **responsabilidade**.

Neste capítulo, são abordados projetos que têm como tônica justamente a responsabilidade, seja sobre o meio ambiente, espaços públicos, ambientes de trabalho, formação das próximas gerações, ou mesmo o protagonismo juvenil capaz de interferir e mudar realidades.

ABRAÇAR O TERRITÓRIO

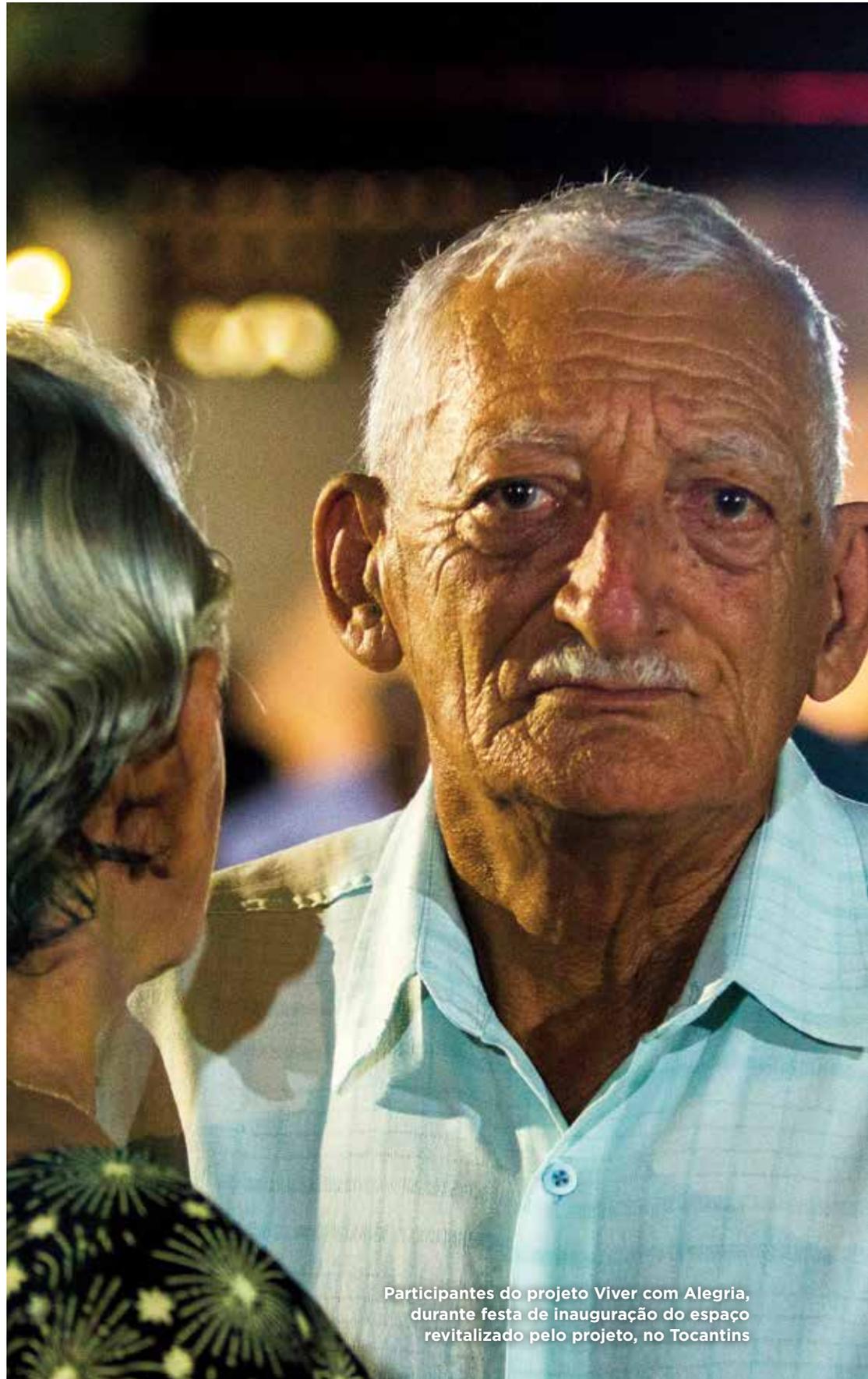
Olhar o espaço de forma apreciativa, tornar-se protagonista e partir para a ação são atitudes de quem participa das iniciativas da Fundação Alphaville. Conheça alguns projetos que despertam em seus participantes o senso de responsabilidade sobre o território e sobre os demais cidadãos com quem o espaço é compartilhado

“Graças a Deus existe esse forró e eu estou vivo para participar.” Atualmente, esta é uma das frases mais ouvidas por Dona Antonia Araújo, fundadora e presidente do Instituto Viver com Alegria (IVA), entidade de Palmas (TO) voltada para o acolhimento e a realização de atividades para idosos e crianças em estado de vulnerabilidade social. “Muitos idosos chegaram de cadeira de rodas e tomando uma lista de remédios, hoje não precisam mais pois se exercitam e socializam bastante”, comemora Dona Antonia. “Poder arrancar sorrisos e ouvir que estão felizes é, para mim, uma alegria imensa.”

A frase mencionada por Dona Antonia é dita especificamente por idosos do projeto Viver com Alegria, que faz parte do *Nós Propomos!*, programa desenvolvido pela Universidade de Lisboa. Realizada em 9 países, a iniciativa é representada, em Palmas, pela Universidade Federal do Tocantins, e tem o objetivo de estimular o protagonismo juvenil por meio de ações que busquem a resolução de problemas locais.

Em Palmas, alunos do ensino médio de algumas instituições da rede pública foram incentivados a olharem de forma apreciativa e atenta o território e a proporem intervenções. “Alunos do Colégio Santa Rita de Cassia foram nos visitar, viram que estávamos trabalhando em um espaço em estado de vulnerabilidade e fizeram um projeto de revitalização”, relata Dona Antonia.

“Conhecemos o projeto e resolvemos apoiá-lo por ser uma intervenção legítima proposta por jovens para um público de idosos”, explica Ricardo Benitez, coordenador de Sustentabilidade da Fundação Alphaville. “Fizemos um diagnóstico junto com eles sobre o que gostariam de fazer para o espaço”, afirma. “Eles queriam uma cobertura, para poderem dançar nos dias de chuva, e pintura.”



Participantes do projeto Viver com Alegria, durante festa de inauguração do espaço revitalizado pelo projeto, no Tocantins

Foram realizados dois mutirões para reformar e adequar o local. “A Fundação também forneceu itens como pintura, portas, tenda e lâmpadas”, conta Dona Antonia. O protagonismo dos jovens proporcionou aos idosos um espaço adequado de lazer e cultura, além de reforçar o sentimento de pertencimento e fortalecer a autoestima dos participantes do projeto.

A iniciativa foi transformada em um documentário apresentado no I Congresso Ibero-Americano Nós Propomos!, realizado em setembro de 2018, que reuniu em Lisboa, Portugal, todos os países nos quais o programa é realizado.

Hoje, o espaço é usado por mais de 300 famílias. Aos sábados, cerca de 800 pessoas se reúnem no local para dançar. “Atendemos gente de zero a 100 anos”, diz Dona Antonia. “Geralmente os idosos vêm primeiro, e logo em seguida aparecem filhos, netos, amigos dos netos.” Além da dança, há momentos de debate sobre assuntos diversos. “Assim, demonstramos para idosos e crianças o valor de amar e de viver a vida.”

Segundo Dona Antonia, o impacto na qualidade de vida dos idosos é imenso. Além dos benefícios para a saúde, qualidade de vida e socialização, muitos dos participantes se conhecem no fórró realizado aos sábados e iniciam relacionamentos. “Hoje temos 18 casamentos realizados entre pessoas que achavam que não tinham mais capacidade de amar”, afirma. “O último foi agora, entre uma senhora de 65 e um senhor de 72.”

“**CONHECEMOS O PROJETO
E RESOLVEMOS APOIÁ-LO POR
SER UMA INTERVENÇÃO LEGÍTIMA
PROPOSTA POR JOVENS PARA
UM PÚBLICO DE IDOSOS.**”

Ricardo Benitez
coordenador de Sustentabilidade da Fundação Alphaville



Acima, jovens idealizadores do Viver com Alegria. Abaixo, participantes durante construção coletiva do projeto

ACEU - ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE EUSÉBIO

Intervir sobre um território pode estar relacionado ao olhar de empatia pelo semelhante – como fizeram os jovens do Nós Promomos!. Mas também pode dizer respeito ao cuidado com o meio ambiente, como fazem os participantes da ACEU (Associação dos Catadores do Eusébio).

“É novinha, mas se você for lá parece que é adulta, viu”, brinca Graça Oliveira, coordenadora de Projetos Sociais, sobre a jovem associação criada em 2015. Apesar do pouco tempo de atuação, a ACEU já se tornou referência no estado do Ceará, onde está localizada a pequena Eusébio, cidade de 52 mil habitantes. “Diariamente eles recebem visitas para entender o que fazem e como se organizam os catadores.” Em função do projeto, a Fundação Alphaville recebeu o Selo Benchmarking: Legítimo em Sustentabilidade, um dos mais respeitados reconhecimentos em Sustentabilidade do país.

A iniciativa teve início quando a prefeitura e a Fundação desenvolveram uma estratégia para implantar a coleta seletiva no município. “Fizemos todo o projeto, viabilizamos a consultoria técnica por dois anos, que incluía a formação dos catadores, fizemos articulações institucionais e legalização da associação”, conta Graça. O município entrou com a parte estrutural, fornecendo caminhões, galpão e maquinário. “Enquanto os galpões eram reformados, fizemos a formação dos participantes, um grupo de vinte famílias.”

Em 2016, com a inauguração do galpão, o maior desafio passou a ser educar a população para que colaborassem com a coleta. Segundo Graça, foi criado um programa de educação ambiental para mobilizar os bairros: “Nomeamos pessoas da ACEU, que hoje é responsável pela educação ambiental, e treinamos uma equipe do município”.

O modelo da coleta é porta a porta. Um folder explicativo, um saco para acúmulo dos resíduos e um imã que marca o dia em que o caminhão passa no local são distribuídos aos moradores. Hoje, dos 21 bairros de Eusébio, doze são atendidos pela iniciativa. Foi criado também um ponto de coleta para o Alphaville Fortaleza, que é o residencial mais ocupado da cidade.

A organização e os excelentes resultados renderam não somente a admiração de outras cidades do estado, mas parcerias com o poder público e entidades privadas. Em 2016 o projeto recebeu o apoio da empresa Café 3 Corações por meio da doação de um caminhão, do fornecimento de materiais de comunicação e pelo repasse mensal de R\$ 2.500 à associação. “A ACEU também passou a receber R\$ 10 mil mensais da prefeitura, além da infraestrutura que já forneciam, e em 2018 o segundo caminhão foi conquistado pela parceria com a 3 Corações, possibilitando a expansão do atendimento da associação no município”, comemora Graça.

Uma curiosidade do projeto é a participação feminina: os catadores são em sua maioria mulheres e, atualmente, a diretoria e a presidência da ACEU são 100% femininas. “Há meninas muito novas, vaidosas, vão de brinco, de batom, e têm muito orgulho de fazer o que fazem”, relata a coordenadora. De acordo com Graça, foram realizados muitos módulos de Programação Neurolinguística e uma intensa formação técnica. “Isso despertou a autoestima, o reconhecimento e o empoderamento da categoria dos catadores.”



À esq., caminhão da Coleta Seletiva de Eusébio e, à dir., participante da Associação de Catadores de Eusébio



Moradores da região durante formação no Centro de Educação para Sustentabilidade (CES), em Santana de Parnaíba (SP)

CENTROS DE EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE

A responsabilidade sobre o território também diz respeito à educação, à valorização e ao bom uso do espaço. Sob essa filosofia, a Fundação construiu em parceria com as prefeituras locais dois **Centros de Educação para Sustentabilidade (CES)**, em Santana de Parnaíba e em Carapicuíba; um **Centro de Educação Ambiental (CEA Jacuhy)** em Serra (ES); e um **Centro de Estudos Ambientais Costeiros (CEAC)** no Ceará.

Concluído em 2017, o CES Carapicuíba foi o primeiro no Brasil a receber a AQUA-HQE. Aplicada no Brasil exclusivamente pela Fundação Vanzolini, a certificação francesa garante que o espaço é uma construção sustentável. O centro possui diversos elementos sustentáveis, como placas solares, captação e reuso da água pluvial e reciclagem de resíduos.

Localizado em Serra (ES), o CEA Jacuhy, por sua vez, fica dentro de uma área de preservação ambiental de um manguezal. Além disso, possui uma sala arqueológica com artefatos encontrados na região reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

No Ceará, está situado o CEAC, atualmente gerenciado pela Universidade Federal do Ceará. O espaço é resultado de uma parceria entre a Universidade do Ceará, Fundação Alphaville e Prefeitura de Eusébio, e abriga um dos principais núcleos de pesquisas de aquicultura costeira do mundo.

Construído em 2008 em Santana do Parnaíba, o CES Alphaville foi desenvolvido com tecnologias sustentáveis, como energia solar e um biodigestor, e técnicas de bioconstrução que visam aproveitar da melhor forma recursos naturais e gerar o mínimo de resíduos.

Desde a sua criação, os centros de educação fomentados pela Fundação Alphaville oferecem à população oportunidades de educação sobre sustentabilidade local, de forma gratuita, com o intuito de promover o desenvolvimento das comunidades. “Os centros são espaços de convivência, promoção de aprendizados e construções coletivas”, afirma Diandra Thomaz, analista de Projetos Sociais. “Todos os projetos desenvolvidos nesses ambientes buscam estimular o protagonismo e fornecer subsídios teóricos e práticos para as transformações pessoais e coletivas referentes à sustentabilidade.”

“OS CENTROS SÃO ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA, PROMOÇÃO DE APRENDIZADOS E CONSTRUÇÕES COLETIVAS. TODOS OS PROJETOS DESENVOLVIDOS NESSES AMBIENTES BUSCAM ESTIMULAR O PROTAGONISMO E FORNECER SUBSÍDIOS TEÓRICOS E PRÁTICOS PARA AS TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS E COLETIVAS REFERENTES À SUSTENTABILIDADE.”

Diandra Thomaz
analista de Projetos Sociais

Os projetos desenvolvidos nos Centros de Educação atuam alinhados à sustentabilidade integral. “O cuidado consigo, com o outro e com o mundo permeiam todas as atividades e reflexões, pois a mudança efetiva começa de dentro para fora”, enfatiza Diandra. “Para a construção de um mundo melhor e de um território próspero e resiliente é necessário cuidarmos de nós, das pessoas que estão ao nosso redor e do planeta.”

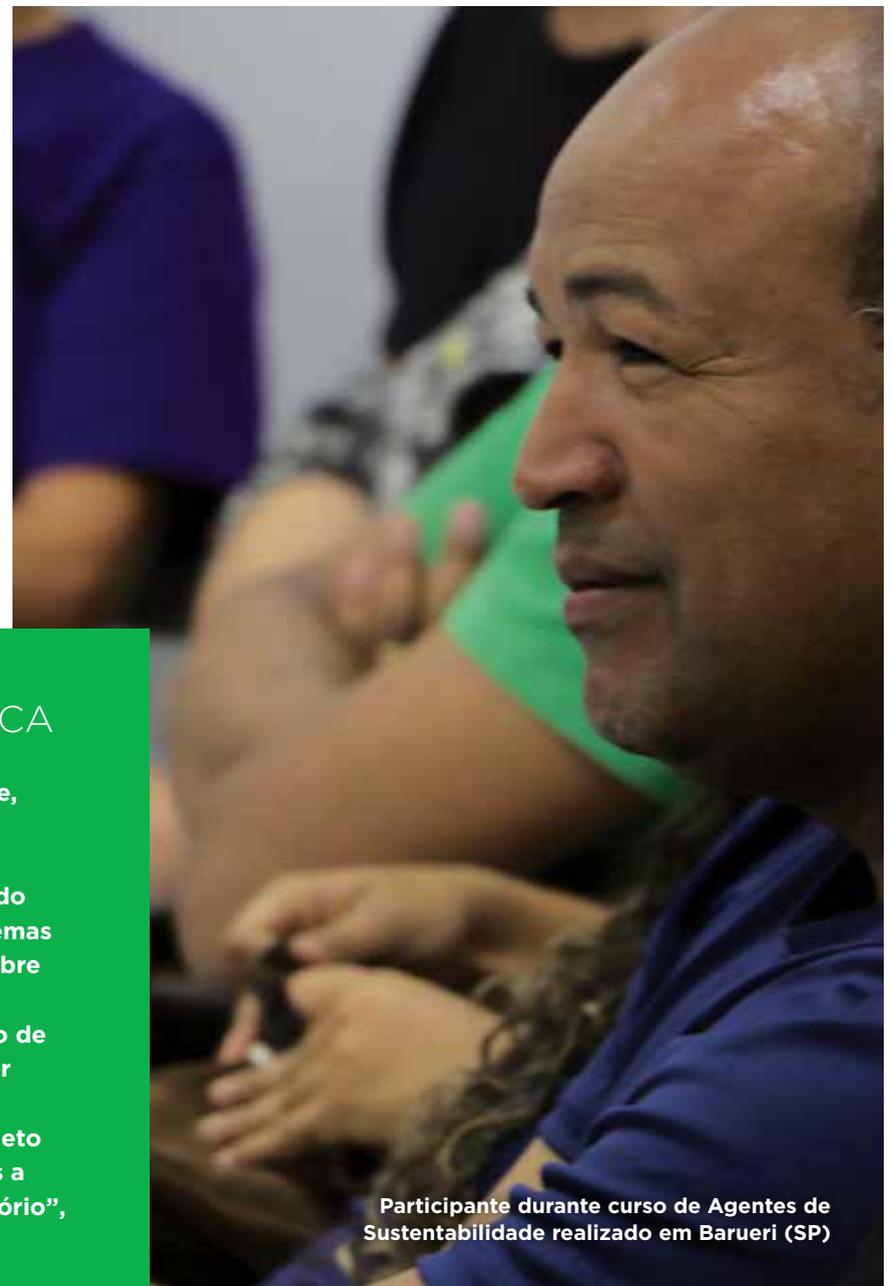
Diandra conheceu a Fundação por meio do CES Alphaville. “Fiz o meu Trabalho de Conclusão de Curso do ensino médio sobre bioconstrução e usei o CES como exemplo.” Depois de formar-se como técnica em Meio Ambiente e posteriormente em Engenharia Ambiental, Diandra foi voluntária e prestadora de serviços no CES Alphaville. Hoje, ela é parte da equipe própria da Fundação. Para ela, o CES é a materialização de um sonho, a sustentabilidade aplicada na prática. “É um vetor de possibilidades, inspiração e ação, o lugar propício para construções sólidas sobre sustentabilidade.”

Alguns projetos se destacam nos Centros de Educação, como o Agentes de Sustentabilidade, curso criado no CES Alphaville (Santana de Parnaíba) e atualmente lecionado também em Barueri. Voltado para moradores da região, tem como objetivo orientar o cidadão para participar e promover transformações socioambientais em seus territórios, a partir da articulação com agentes públicos locais e setores da sociedade.

“A chamada para o curso é direcionada aos que desejam transformar os seus territórios, então os interessados são pessoas que já têm ideias e querem agir”, explica Diandra. As 40 vagas são preenchidas por um público bem heterogêneo: “A turma é bem diversa, há jovens, adultos e idosos. Pessoas que querem colocar em prática sonhos para melhorar o seu território”.

Outro projeto bastante relevante é o Professor Sustentável. Tem como objetivo instrumentalizar os professores para que consigam ensinar a educação ambiental de forma transversal e possam disseminar os conceitos de maneira transdisciplinar. Desenvolvido em Santana do Parnaíba (SP) e em Serra (ES), o projeto já beneficiou diretamente mais de 31 mil pessoas, entre professores formados e alunos que receberam os conhecimentos replicados pelos professores.

Em média, são 32 horas de formação. Ao final do curso, os professores entregam um relatório, como forma de devolutiva, onde constam as atividades aprendidas no curso e que foram replicados em sala de aula com os alunos.



Participante durante curso de Agentes de Sustentabilidade realizado em Barueri (SP)

PARA MUDAR UMA CIDADE, TEORIA E PRÁTICA

As aulas do Agentes de Sustentabilidade têm foco em sustentabilidade, elaboração de projetos e políticas públicas. As 60 horas de curso são divididas em três etapas:

- **VIVENCIAR A CIDADE:** nesta etapa é apresentado um diagnóstico do município e as políticas públicas executadas. Quem apresenta os temas são os técnicos da prefeitura que possuem conhecimento amplo sobre os assuntos, uma vez que atuam diretamente nas áreas.
- **PLANEJAR A CIDADE:** nesta fase acontecem as aulas de elaboração de projetos, para que os participantes comecem a planejar a ação a ser desenvolvida no município.
- **TRANSFORMAR A CIDADE:** esta é a parte do curso em que um projeto é colocado em prática. “Além disso, aos sábados há visitas técnicas a espaços públicos, para que a turma conheça os potenciais do território”, diz Ricardo Benitez, coordenador do curso.

AGENTES CRIATIVOS EM SUSTENTABILIDADE

“Sempre gostei muito das ideias da Fundação e, quando me convidaram para o primeiro grupo, topei na hora”, diz Leonardo Souza, assistente administrativo da Alphaville Urbanismo ao se recordar de quando começou a participar do Agentes Criativos em Sustentabilidade, projeto criado pela Fundação para funcionários da Alphaville Urbanismo.

Segundo Aline Oliveira, coordenadora de Comunicação da Fundação e uma das organizadoras do projeto, a Fundação sempre liderou as ações de voluntariado da Alphaville Urbanismo. “Eram ações pontuais”, conta. “Pensamos, então, em desenvolver a metodologia da Fundação [Convivência que Constrói] internamente.” O próximo passo foi abrir um processo seletivo para funcionários que tivessem interesse em fazer projetos dentro da empresa. As 15 pessoas selecionadas passaram por uma formação com os coordenadores da Fundação.

“O CLIMA E A RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS MUDARAM, POIS ELES COMEÇARAM A VER QUE SÃO ELES PRÓPRIOS QUE CONSTROEM O AMBIENTE DE TRABALHO, QUE ELES SÃO OS PROTAGONISTAS.”

Aline Oliveira
coordenadora de Comunicação da Fundação



Primeira turma formada para o projeto Agentes Criativos em Sustentabilidade (SP), com Aline Oliveira, coordenadora de Comunicação da Fundação Alphaville (embaixo, terceira da esq. para a dir.)

“O grupo se fortaleceu e passou a refletir sobre como contribuir para o território da Alphaville”, afirma Aline. “Na metodologia, revisitamos sonhos de infância, sonhos coletivos e para a empresa”, descreve Leonardo. “Desenvolvi as habilidades de compartilhar e trabalhar em equipe para chegar a um entendimento.” Como era um grupo muito diverso, os participantes decidiram atuar para fortalecer o valor respeito. Montaram um projeto pautado no tema diversidade com um calendário de ações durante o ano abordando os assuntos: étnico racial, LGBT, idosos, pessoas com deficiência e equidade de gênero.

Conforme conta Leonardo, no Dia da Mulher o grupo convidou uma jornalista para falar do tema; no Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência foi realizada uma mesa redonda com PCDs (pessoas com deficiências); e em outra ocasião houve uma palestra com uma Drag Queen. “Este ano também fizemos uma gincana para doação de brinquedos à comunidade do Areião”, afirma.

O projeto foi recebido de forma bastante positiva pelos funcionários, com um nível de envolvimento muito alto em todas as atividades. “O clima e a relação entre as pessoas mudaram, pois eles começaram a ver que são eles próprios que constroem o ambiente de trabalho, que eles são os protagonistas”, reflete Aline. O sucesso foi tanto que o projeto deve virar uma política corporativa de diversidade e inclusão por meio da área de Recursos Humanos da empresa.

“**NA METODOLOGIA, REVISITAMOS SONHOS DE INFÂNCIA, SONHOS COLETIVOS E PARA A EMPRESA. DESENVOLVI AS HABILIDADES DE COMPARTILHAR E TRABALHAR EM EQUIPE PARA CHEGAR A UM ENTENDIMENTO.**”

Leonardo Souza
assistente administrativo da Alphaville Urbanismo



À esq. e à dir., participantes do projeto Agentes Criativos em Sustentabilidade (SP)



AUTONOMIA



LIBERDADE PARA SER E AGIR

A busca pela **autonomia** está relacionada à competência de saber tomar decisões e poder atuar com livre arbítrio. Trata-se de algo a ser conquistado, já que ninguém nasce apto e pronto para a vida.

É somente com educação, acesso a oportunidades e experiências proporcionadas pela prática que se conquista a aptidão para gerir a própria história, com princípios, vontades e meios próprios.

Neste capítulo serão contemplados projetos em que predomina a busca pela autonomia dos participantes por meio do empreendedorismo, do aprendizado, do protagonismo e da ressignificação do próprio papel dentro da sociedade.

DECIDIR, ATUAR E VIVER

O autoconhecimento, a percepção do outro e a relação com o mundo são aspectos amplamente trabalhados nos projetos da Fundação Alphaville. O objetivo é fazer com que as comunidades tenham autonomia para protagonizarem suas histórias

Entre os objetivos do Plano Estratégico de cinco anos da Fundação Alphaville está a abrangência de atuação no território nacional. “Desejamos entrar em outros espaços que não estejam relacionados à mantenedora”, explica Aline Oliveira, coordenadora de Comunicação da Fundação. Um dos projetos que contemplam esse objetivo é a Aceleradora Vale do Dendê, criada para suprir uma grande lacuna no segmento de economia criativa de Salvador (Bahia), especialmente para os empreendedores baseados nas periferias da cidade.

A iniciativa foi lançada em novembro de 2017, por Paulo Rogério Nunes, publicitário, empreendedor e alumni do Berkman Klein Center da Universidade Harvard; Rosenildo Ferreira, eleito por três vezes um dos “Mais Admirados Jornalistas Brasileiros”; Dr. Hélio Santos, uma importante referência no Brasil em diversidade e inclusão; e Ítala Herta, empreendedora, palestrante e produtora cultural.

O primeiro edital aberto pela Vale do Dendê para selecionar as jovens empresas recebeu 107 inscrições. Hoje, estão sendo aceleradas dez startups que atuam com economia criativa e tecnologia. Todas desenvolvem produtos e soluções de baixo custo e elevado impacto socioeconômico.

Rosenildo Ferreira, um dos fundadores da iniciativa, foi quem primeiro percebeu uma conexão forte entre os propósitos da aceleradora e da Fundação Alphaville. “A Fundação foi a primeira a nos apoiar financeiramente, isso ajudou a qualificar o nosso trabalho, foi primordial para tirarmos a ideia do papel”, conta.

Ele afirma que, além do apoio com capital, a Fundação enxerga a aceleradora como uma interlocutora qualificada na região, e que há um processo de escuta e respeito mútuo entre as duas partes. “A parceria é muito importante não só do ponto de vista financeiro”, diz. “A Fundação possui a expertise e a autoridade de quem também opera no setor social de forma responsável e inovadora, isso foi o que mais nos ajudou nesse processo e gostaríamos de explorar a tecnologia e o conhecimento da Fundação cada vez mais.”

Em 2019, o Brasil será sede do Fórum Internacional Rede América - Contribuição da Diversidade para a Construção de Comunidades Sustentáveis. Segundo Aline, haverá uma importante ponte entre o fórum e as startups atualmente contempladas pela aceleradora, já que a Vale do Dendê promove e valoriza a diversidade, tema do encontro. “A ideia é que esses empreendedores tenham visibilidade internacional durante o evento”, afirma.

“A FUNDAÇÃO POSSUI A EXPERTISE E A AUTORIDADE DE QUEM TAMBÉM OPERA NO SETOR SOCIAL DE FORMA RESPONSÁVEL E INOVADORA, ISSO FOI O QUE MAIS NOS AJUDOU NESSE PROCESSO E GOSTARÍAMOS DE EXPLORAR A TECNOLOGIA E O CONHECIMENTO DA FUNDAÇÃO CADA VEZ MAIS.”

Rosenildo Ferreira
um dos fundadores da Vale do Dendê

Jovens reunidos em atividade da Vale do Dendê (BA)



CRIANDO COMUNIDADES

Um dos propósitos da Fundação Alphaville é costurar articulações e construir pontes para que as comunidades caminhem sozinhas e se tornem cada vez mais autônomas. Esse é justamente o objetivo do Criando Comunidades, realizado pela Fundação junto com a Alphaville Urbanismo. Desde o início da parceria, em 2017, o projeto esteve presente nas associações dos moradores dos residenciais da Alphaville Urbanismo de Dourados (MS), Graciosa (Curitiba, PR) e Ribeirão Preto (SP).

“Quando os residenciais são concluídos, são formados grupos de moradores para gerir o espaço, e a Alphaville Urbanismo desenvolve treinamentos de segurança, jardinagem etc.”, afirma Ricardo Benitez, coordenador de Sustentabilidade da Fundação Alphaville. “Nesta ocasião, a Fundação se apresenta e participa com o Criando Comunidades”. O coordenador também conta que a primeira ação do projeto é composta pela realização de palestras para estimular os moradores a pensarem sobre como conviver em harmonia, mediar conflitos, enxergar o outro, olhar para fora dos residenciais e participar das soluções. A ideia é fortalecê-los como comunidade para que possam olhar e atuar nos entornos mirando objetivos comuns.

Os resultados atingidos em Alphaville Graciosa, Curitiba, são referências para o projeto. Ricardo conta que no residencial já existia um grupo de moradores voluntários em um projeto, o Alpha Ajuda, e que a Fundação auxiliou seus membros a criarem parcerias locais para trocarem ativos e potencializarem as ações realizadas. Um exemplo de iniciativa realizada pelos moradores para captar recursos foi a doação de uma camisa pelo Giba, ex-jogador da seleção brasileira de vôlei. A peça foi leiloadada em um jantar, e a verba arrecadada foi utilizada para desenvolver ações no entorno do residencial.

Segundo Ricardo, o principal resultado do Criando Comunidades tem sido a percepção de protagonismo por parte das pessoas de todos os setores envolvidos, e o despertar da criatividade e iniciativa para ajudar o próprio território. Para Claudia Yassuda, diretora de Operações e Negócios da Alphaville Urbanismo e presidente do Conselho da Fundação Alphaville, o Criando Comunidades é uma forma que a empresa tem de retornar aos empreendimentos construídos e ajudá-los a estabelecer uma relação de harmonia com as comunidades vizinhas. “É como derrubar muros em termos sociais, para que as comunidades trabalhem juntas”, enfatiza. “Isso agrega valor ao negócio e está alinhado com as missões tanto da Alphaville quanto da Fundação.”

Glauca Pacheco, da Associação Alphaville de Ribeirão Preto, teve a oportunidade de participar do projeto no residencial em que vive. Em 2017, ela e seus colegas de equipe passaram por treinamentos sobre Programação Neurolinguística (PNL). “Durante o curso compartilhamos momentos essenciais da nossa vida, bons e ruins, e começamos a enxergar o outro de forma mais humana”, conta. Ela afirma que algumas pessoas realmente mudaram seus comportamentos e se tornaram mais pacientes, gentis e acessíveis. “Percebemos que a Fundação realmente tem o cuidado de ver o que aquela comunidade pode fazer sozinha, e em vez de simplesmente darem o peixe, eles dão a vara e ensinam a pescar”, reflete Glauca, sobre a atuação da organização.



À esq. e à dir., participantes do Criando Comunidades no Alphaville Graciosa (PR) com membros da equipe da Fundação Alphaville

QUILOMBO DE CORDOARIA

Localizada em Camaçari (BA), Cordoaria é uma comunidade remanescente de descendentes de quilombolas. Junto com os bairros próximos, Morcego e Sucupira, forma uma população de aproximadamente 1.500 pessoas.

Cordoaria possui características bem rurais, baixo índice de violência e ausência de pobreza extrema. No entanto, há a necessidade de projetos que contemplem crianças e jovens, como a ampliação da escola e de espaços públicos. “Eles só conseguiram ter acesso à internet no fim de 2017”, exemplifica Débora Silva e Silva, coordenadora de Projetos Sociais da Fundação Alphaville.

A Fundação foi acionada no segundo trimestre de 2018 para ajudar a associação de moradores do quilombo a sanar dívidas burocráticas que os impediam de atuar. “Concordamos em custear com a condição de que isso entrasse como uma etapa da Convivência que Constrói, a metodologia da Fundação”, afirma a coordenadora. “Esse aporte serviria para a regularização documental da associação para que eles pudessem captar recursos e fazer parcerias mais sólidas.”

O trabalho teve início em agosto de 2018 com reuniões quinzenais nas quais, entre outras atividades, foram mapeadas as necessidades e as possibilidades da comunidade. A atividade final da metodologia, que é o projeto a ser desenvolvido e executado por eles, é a ampliação da sede da associação, único espaço público da comunidade onde podem ser realizados cursos e palestras.

Segundo Débora, em um dos encontros o grupo trabalhou o empreendedorismo, para que eles entendessem que empreender não é necessariamente abrir um negócio, mas atuar no que já fazem, pelo sonho coletivo dentro do território. A etapa seguinte foi a realização de um eneagrama – um estudo de personalidade – de cada um. “Isso é importante porque eles precisam saber quem é mais adequado para cada atividade, já que vão fazer a gestão de seus próprios territórios”, finaliza Débora.

A atuação da Fundação é de curto prazo, então a comunidade deve ser emancipada no início de 2019. Entre os planos da comunidade, para os meses e anos seguintes, estão buscar melhorias em saúde, educação e lazer, com a reforma da praça e do campo de futebol, espaços que acolhem crianças e jovens.



PROGRAMA JOVEM SUSTENTÁVEL - CIDADANIA DIGITAL

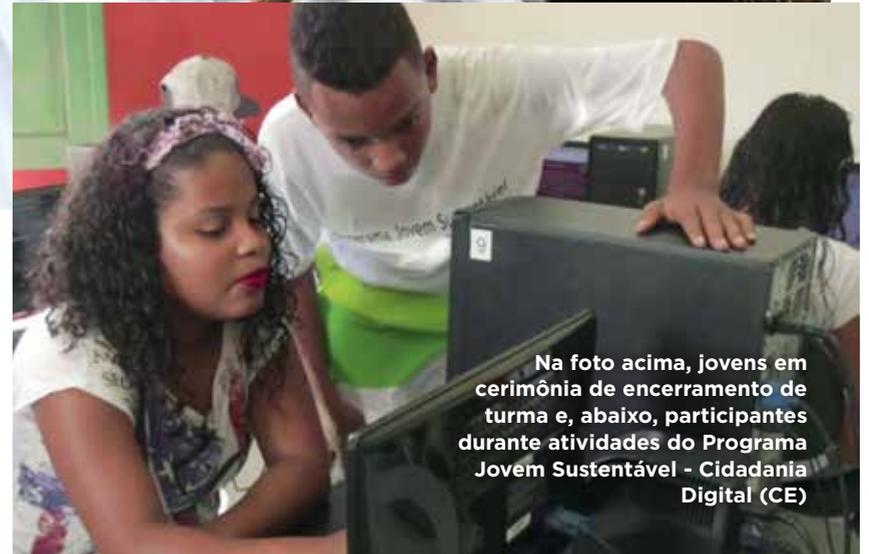
Ajudar os jovens de 14 a 24 anos a escolherem um caminho a seguir na vida, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional: esse é um dos propósitos do Programa Jovem Sustentável (PJS) – Cidadania Digital, estabelecido em Eusébio (CE) desde 2008. Hoje, são atendidos jovens de quatro comunidades estratégicas: Mangabeira, Parque Havaí, Santo Antonio e Jabuti. No total, há vagas para 120 alunos por semestre. Em dez anos, foram atendidos 35% de todos os jovens do município nestes quatro bairros, que apresentam os maiores índices de vulnerabilidade social da região.

O projeto é realizado em parceria com o município, que colabora com a infraestrutura e a remuneração de educadores, enquanto a Fundação é responsável pela coordenação, conteúdo e direcionamento pedagógico. Segundo Graça Oliveira, coordenadora de Projetos Sociais da Fundação Alphaville, o principal atrativo do PJS são as aulas relativas às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que incluem o Pacote Office. O aprendizado, no entanto, vai muito além.

Durante os quatro meses de duração do projeto, os jovens têm acesso a uma formação estruturada em módulos sob o tema da sustentabilidade, que inclui meio ambiente, cidadania, arte e cultura, e também participam de um conjunto de atividades fundamentadas na Programação Neurolinguística (PNL).



Estudantes durante atividades do Programa Jovem Sustentável - Cidadania Digital (CE), à esq.; Débora Silva e Silva, coordenadora de Projetos Sociais, reunida com participante do PJS Aprendiz (GO)



Na foto acima, jovens em cerimônia de encerramento de turma e, abaixo, participantes durante atividades do Programa Jovem Sustentável - Cidadania Digital (CE)

Graça afirma que a PNL é essencial para o jovem se reconhecer pessoal e profissionalmente, além de se estabelecer no território. “Os treinamentos também o ajudam a reconhecer a família e a se tornar um multiplicador de conhecimentos.” A metodologia de ensino do PJS é reconhecida por 89% dos jovens que participaram do projeto como o principal diferencial do curso e 72% consideram a atuação acolhedora dos educadores como elemento central para as transformações que o PJS promove em suas vidas.

O projeto tem sido desenvolvido em um cenário desafiador: jovens com pouco acesso a oportunidades de educação não-formal, lazer e cultura no município, baixa participação social, além de alto índice de abandono e repetência (21,04% e 17,06%)¹ nas primeiras séries do ensino médio. Atualmente, em Eusébio, 18% da população local é formada por jovens entre 15 e 24 anos e, apesar da alta taxa de escolarização até os 19 anos (90% estão matriculados)², estima-se que 17% dos jovens até os 24 anos não estudam e não trabalham³. Dificuldades e desafios que se transformam, muitas vezes, em barreiras difíceis de serem transpostas e que, portanto, dependem de uma atuação conjunta entre poder público local, iniciativa privada e a sociedade para solucioná-los.

De maneira geral, é possível dizer que os participantes do PJS apresentam maior vulnerabilidade social que os demais jovens do município⁴. Alguns dados endossam essa tese: 13% têm maior dependência de programas de transferência de renda; 59% a mais dos jovens têm renda familiar de até dois salários mínimos; e 9,61% têm mais familiares desempregados. Além disso, esses jovens estão mais ativos na busca por inserção social. Em comparação aos demais jovens do município, 22% a mais dos participantes do PJS buscam emprego, e 18% a mais possuem maior participação social em projetos e iniciativas relacionadas a movimentos sociais e estudantis.

¹ Fonte: Censo Escolar, Inep.

² IBGE, 2018 - Site e página: Fonte: Atlas Brasil, 2013

³ Esta população representa a 3ª. maior parcela da população em termos de vulnerabilidade social

⁴ Em relação aos respondentes do Questionário Perfil Jovem - Eusébio CE - 30/10/2018.



PERFIL DOS JOVENS DE EUSÉBIO X PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PJS

Apesar de estarem inseridos no mesmo cenário social e educacional, há algumas diferenças entre os perfis dos jovens do município e dos jovens que participam do PJS⁵.

DADOS SOCIAIS	JOVENS DE EUSÉBIO	JOVENS QUE PARTICIPARAM DO PJS
PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA	41% declaram receber Bolsa Família	54% declaram receber Bolsa Família
RENDA FAMILIAR	35% declaram que suas famílias recebem até dois salários mínimos	94% declaram que suas famílias recebem até dois salários mínimos
EMPREGO	42% declaram ter familiares desempregados	51,61% declaram ter familiares desempregados
TRABALHO	93,3% não estão trabalhando e 30% afirmam estar em busca de emprego	92% não trabalham e 52% afirmam estar em busca de emprego
ESTUDOS NÃO-FORMAIS	70% afirmam que não estão participando de cursos extracurriculares e 50% declaram nunca ter participado de cursos extracurriculares	77% afirmam que não estão participando de cursos extracurriculares e 23% declaram nunca ter participado de cursos extracurriculares
PARTICIPAÇÃO SOCIAL	18% declaram participação social em projetos e iniciativas relacionadas a movimentos sociais e estudantis	36% declaram participação social em projetos e iniciativas relacionadas a movimentos sociais e estudantis
PRINCIPAIS DESAFIOS QUE OS JOVENS DO MUNICÍPIO DECLARAM ENFRENTAR	95,63% afirmam haver poucas áreas de lazer para os jovens e falta de cursos extracurriculares 95,08% apontam falta de faculdades no município de Eusébio 95,54% gostariam de ter uma escola com mais qualidade de ensino	96,77% afirmam haver poucas áreas de lazer para os jovens e 93,55% declaram que há falta de faculdades no município de Eusébio, falta de cursos extracurriculares e gostariam de ter uma escola com mais qualidade de ensino

⁵ Dados coletados em 30/10/2018 pelo Questionário Perfil Jovem – Eusébio/CE aplicado pela Fundação Alphaville nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio Ana Bezerra de Sá; Neusa de Freitas Sá; Manuel Ferreira da Silva e Escola de Ensino Profissional Eusébio de Queiroz.



INDICADORES DE RESULTADOS

A Fundação Alphaville escolheu o PJS para ser o projeto pioneiro no acompanhamento e na mensuração de resultados. Esse processo, que teve início em 2017, tem como base a construção de indicadores que revelam em que medidas as metas quantitativas e qualitativas do programa foram alcançadas, bem como mede a efetividade da formação de jovens protagonistas ao término de sua participação. O monitoramento envolveu a coleta e sistematização de dados junto ao público jovem que está participando dos cursos oferecidos pelo programa e aqueles que já concluíram a sua participação. A análise desses dados possibilita o fortalecimento das principais estratégias do projeto e garante que o PJS siga alinhado aos anseios e necessidades dos participantes.

Abaixo, os primeiros resultados avaliativos do PJS sintetizados em um conjunto de indicadores de resultados integrados, que estão fundamentados nas três principais categorias de avaliação do projeto: protagonismo juvenil; inclusão socioeconômica e educação para sustentabilidade.

INDICADOR 1:	INDICADOR 2:	INDICADOR 3:
<p>Ampliação da participação social dos jovens no território, que inclui a compreensão das demandas locais e realização de atividades sociais</p>	<p>Ampliação das oportunidades de acesso ao emprego e renda do jovem no município. Diz respeito ao interesse, acesso, permanência, vinculação, tipos de ocupação e renda</p>	<p>Aquisição de conhecimentos, habilidades e competências relacionadas à educação para sustentabilidade. O indicador está relacionado à situação educacional, ao interesse pelo estudo, a conhecimentos adquiridos e mudanças comportamentais</p>
<p>65,9% dos jovens que concluíram o PJS declaram que, após o programa, ampliaram a participação social em seus territórios</p>	<p>54,4% dos jovens dizem que a participação no PJS ampliou suas oportunidades de gerar renda e emprego</p>	<p>90% dos jovens do PJS estão cursando o sistema formal de ensino</p>
<p>68,2% passaram a conhecer melhor os problemas socioambientais do seu bairro. Comparativamente, apenas 18% dos jovens do município de Eusébio afirmam participar de grêmios estudantis, associação de bairro ou ONGs locais</p>	<p>50% afirmam estar trabalhando</p>	<p>23% Os jovens do PJS integram-se à parcela de 23% dos jovens do município que participam de atividades, projetos e programas extracurriculares (77% nunca participaram de um curso extracurricular)</p>
	<p>41,9% dos jovens afirmam que o PJS contribuiu para conquista do seu 1º emprego</p>	<p>87,1% desejam seguir estudando após a participação no PJS e objetivam a faculdade</p>
	<p>54,3% dos jovens que cursaram o PJS estão trabalhando em ocupações relacionadas ao emprego formal com carteira de trabalho assinada. Entre os jovens do município, a maior parte está ocupada em atividades não formais, e apenas 3,9% trabalham com carteira de trabalho assinada</p>	<p>75% dos jovens afirmam que a participação no PJS possibilita a ampliação de conhecimentos técnicos, como Word, Excel, Internet e Power Point, e conceituais, como sustentabilidade, reciclagem e cidadania</p>
	<p>52% dos jovens que cursam e/ou já cursaram o PJS declaram interesse e desejo em alcançar um emprego. Entre os jovens do município este interesse é declarado por 30%</p>	<p>69,3% declaram que a participação no PJS promoveu o desenvolvimento de suas habilidades socioemocionais (relacionamentos familiares, amigos e escola)</p>
	<p>55% dos jovens que cursaram o PJS recebem de um até dois salários mínimos. Entre os jovens do município que estão trabalhando, a renda declarada é de até um salário mínimo</p>	<p>76,1% dizem que o PJS ampliou seu interesse pelos estudos</p>
		<p>73,9% afirmam que o PJS contribuiu para o crescimento do seu desempenho escolar</p>

UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O PJS

O PJS atendeu a 35% dos jovens do município de Eusébio, que chegaram até o curso pela indicação de amigos, familiares ou das escolas. A maior parte deles (56%) declara buscar o PJS para ampliar as suas possibilidades de emprego e pouco conhece sobre seus conteúdos programáticos. No entanto, após as primeiras aulas, o jovem já está familiarizado com a metodologia e professores e os reconhece como principais diferenciais do curso.

Os indicadores relacionados à eficácia do PJS (conhecimentos adquiridos, participação e permanência dos jovens durante o curso) revelam um baixo índice de evasão (7%) e um alto índice de aproveitamento dos conteúdos programáticos. Ao entrarem no projeto, os jovens informam seu nível de conhecimento em cada uma das temáticas do curso e, ao término, observa-se a integração destes conhecimentos ao seu dia a dia. Para a maior parte dos jovens participantes do PJS (85%), os conteúdos ampliaram a sua compreensão sobre os temas e influenciaram positivamente suas relações pessoais e profissionais.

Diante de uma consistente e reconhecida metodologia de formação e da efetiva participação e aproveitamento dos jovens com relação aos conteúdos formativos, é possível observar a efetividade do programa no que se refere à construção do protagonismo juvenil, pautada na ampliação da participação social e no fortalecimento de sua autonomia. Para 70% dos participantes, o PJS tem ampliado a sua compreensão sobre o contexto social do jovem no município, e 88,6% afirmam que o programa permite que eles se reconheçam e se conectem com suas potencialidades de crescimento social e profissional. Isso significa o fortalecimento da capacidade que cada um deles têm de intervir no seu âmbito pessoal e familiar, bem como de influenciar o curso dos acontecimentos da sua própria vida e de sua comunidade.



À esq. representantes do PJS - Cidadania Digital (CE) e, à dir., participante do PJS - Aprendiz (GO)

Luana

TECNOLOGIA SOCIAL

Um acontecimento curioso e que mostra a capacidade de intervenção na sociedade fomentada pelo PJS foi a mobilização dos estudantes para obterem transporte até as instituições de ensino superior, que ficam distantes de Eusébio. “Eles próprios escreveram um ofício e conseguiram um transporte público para levá-los”, recorda-se Graça. Ela conta que eles se tornaram grandes multiplicadores do que aprenderam, e que isso despertou em outros jovens o orgulho de ser da cidade e a vontade de também continuarem os estudos. “É incrível como eles se empoderaram, e isso é bem o propósito da Fundação, gerar Protagonismo para Territórios Resilientes.”

A melhoria da participação social também se materializou no aumento da interação e do respeito dos jovens pelos demais moradores da cidade. “Uma das coisas que eles mais falam é que passaram a se aproximar das pessoas depois do projeto, a cumprimentar quem mora perto”, reflete Graça. “Isso faz com que o participante se coloque no lugar do outro, se relacione melhor com o mundo.”

O PJS é frequentemente aclamado pelos excelentes resultados alcançados. Em 2017, a metodologia foi reconhecida como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil. O programa também é valorizado pela iniciativa privada da região por conta da qualidade e da competência dos alunos formados. Graça recorda-se dos elogios de uma gerente da unidade de Eusébio do Grupo Energisa, que contratava alunos para o serviço de call center. “Ela relatou que eles chegavam mais preparados do que os demais, e tinham mais facilidade nas dinâmicas de grupo”, comemora. Como parte do reconhecimento, a empresa doou 20 computadores ao projeto em 2017.

PROGRAMA JOVEM SUSTENTÁVEL - APRENDIZ

O sucesso alcançado com o PJS em Eusébio não ficou restrito ao município: a iniciativa foi levada para Santana de Parnaíba (SP), Serra (ES), Uberlândia (MG), Barra dos Coqueiros (SE) e Senador Canedo (GO). Neste último, porém, foi realizado com uma missão um pouco diferente. Segundo Graça, ao realizar as articulações com o poder público para a implantação do projeto, recebeu do Ministério Público uma solicitação para contemplar jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. “Mantivemos o conteúdo do Cidadania Digital e o adaptamos para esse novo fim, criando o Aprendiz”, recorda-se.

Foram envolvidos no projeto diversos órgãos do setor público, como juizado, promotoria e município – este último passou a fornecer o transporte dos participantes. A Fundação provia o corpo técnico, o Ministério Público disponibilizou a sala para o curso, e o empresariado da região doou mesas e computadores.

“Foi bem desafiador, pois era um público com o qual não tínhamos trabalhado ainda”, afirma Graça. “Uma das coisas que aprendi foi a entrar na sala de aula e a olhar para o jovem, e não para o que ele fez para estar ali”, destaca. Ela conta que a experiência foi única e maravilhosa, e que tiveram muito reconhecimento por parte do Ministério Público na região. Ao todo, 42 jovens participaram das três primeiras turmas. Na última, a equipe da Fundação assumiu o corpo técnico e introduziu uma importante inovação: a Constelação Sistêmica Familiar.



Acima, placas de homenagem a parceiros do PJS Aprendiz; abaixo, representantes do Ministério Público, Prefeitura, Tribunal de Justiça e Fundação Alphaville, parte da equipe técnica responsável pelo projeto em Goiás

Débora Silva e Silva, coordenadora de Projetos Sociais da Fundação Alphaville, explica que antes mesmo de o trabalho com os jovens ser iniciado, foram realizadas técnicas de Constelação Sistêmica Familiar com os nomes e histórias de todos. “Isso nos ajudou a entender os traços de personalidade de cada um”, conta. “Por meio da Constelação, o emocional deles já sabia que o PJS era algo novo, mas que era positivo.” Ela afirma que os alunos, durante o projeto, passam por fases como medo, aceitação, respeito e, nos últimos dias, a integração. As técnicas os ajudaram a ir todos os dias para os encontros e, com isso, o nível de adesão ao processo foi bastante alto.

Nos últimos dias houve um retorno à Constelação Sistêmica Familiar: “Trabalhamos com eles métodos que os fizeram olhar para as figuras da mãe e do pai”, recorda-se Débora. “Existem muitas lacunas nas famílias, e trabalhar esse tema traz um acalento e um ordenamento emocionais que fazem com que os meninos se sintam mais seguros para a vida.”

Ao final desta turma, a equipe da Fundação passou a dar formação aos profissionais do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) da região, e um projeto nos mesmos moldes do PJS – Aprendiz foi apresentado ao Ministério Público de Goiás para atender a outros municípios do estado. Além disso, muitos jovens de Senador Canedo foram empregados por empresas locais, o que mostra que eles realmente estão no caminho certo para a reinserção na sociedade. “Eles agora estão muito mais conscientes e com um outro olhar para vida”, comemora Débora.

“EXISTEM MUITAS LACUNAS NAS FAMÍLIAS, E TRABALHAR ESSE TEMA TRAZ UM ACALENTO E UM ORDENAMENTO EMOCIONAIS QUE FAZEM COM QUE OS MENINOS SE SINTAM MAIS SEGUROS PARA A VIDA.”

Débora Silva e Silva
coordenadora de projetos sociais

CONSTELAÇÃO SISTÊMICA FAMILIAR

Trata-se de uma técnica de resolução de conflitos que permite identificar problemas pessoais e a exteriorização de conflitos ocultos pelas pessoas. O objetivo é restaurar o equilíbrio do sistema familiar em que vive o indivíduo. A técnica vem sendo aplicada, inclusive, por alguns Tribunais de Justiça brasileiros.



Participante do
Programa Jovem
Sustentável -
Aprendiz (GO)



INDEPENDÊNCIA



PROTAGONIZAR A PRÓPRIA HISTÓRIA

Ter a capacidade de caminhar com as próprias pernas e ser soberana de seu destino, com identidade sólida, responsabilidade sobre os territórios em que atua e autonomia para tomar decisões e agir, viver e prosperar: este é o sonho da Fundação Alphaville no que diz respeito às comunidades em que atua.

Nas próximas páginas, estão descritos projetos cujo objetivo é a geração de renda por meio da vocação, força de trabalho e disposição dos participantes, que utilizam matéria-prima e meios produtivos sustentáveis para alcançarem a própria **independência**.

LIBERDADE SUSTENTÁVEL

Encontrar uma atividade produtiva que vá ao encontro das próprias vocações, seja socialmente construtiva, ambientalmente viável e economicamente próspera é um desafio abraçado e superado com sucesso por muitos projetos da Fundação Alphaville

Com o trabalho na **Horta Comunitária de Araçatuba G** (SP), os participantes se emanciparam sob os mais diferentes e profundos aspectos. O primeiro deles é o alimentar: hoje, as 22 famílias que moram no bairro de Elias Stefan e que cuidam dos cultivos podem se abastecer de hortaliças frescas, sem agrotóxicos, e utilizando como moeda a própria mão de obra.

A história da horta teve início quando um grupo de vizinhos se reuniu para transformar o terreno, que servia como local de descarte de resíduos, em um espaço de cultivo de hortaliças. Em novembro de 2016, a Fundação Alphaville deu início a um trabalho de mapeamento e diagnóstico da região.

“Cada uma das famílias tinha o seu canteiro”, recorda-se Ricardo Benitez, coordenador de Sustentabilidade da Fundação Alphaville. A comunidade trabalhava com a produção de alimentos para subsistência e vendia o excedente, que servia para a obtenção de uma renda extra para os moradores. “Havia alguns conflitos entre eles, por exemplo, a respeito de preços a serem cobrados.”

Teve início, então, a aplicação da metodologia da Fundação, Convivência que Constrói. O trabalho realizado detectou que o sonho da horta coletiva permanecia vivo, fortaleceu o grupo por meio do estímulo ao espírito de cooperativismo, ajudou a alinhar expectativas, apoiou a divisão das atividades no espaço e estimulou o respeito mútuo.

A metodologia também os preparou para estabelecer, planejar e executar os próprios objetivos. Por meio do apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Agroindustrial, os produtores receberam capacitações técnicas sobre o manejo adequado dos cultivos. Com isso, os participantes conseguiram diminuir sensivelmente a perda de alimentos e conquistaram um conhecimento importante e que pode ser multiplicado entre familiares e vizinhos.

“NOS REUNIMOS PARA TOMAR CAFÉ E FAZER ALMOÇO AQUI. A HORTA NOS DEU UMA AMIZADE LINDA, HOJE SOMOS UMA EQUIPE MUITO UNIDA.”

Dona Maria Tereza dos Santos Tenório
moradora de Elias Stefan e participante da Horta Comunitária Araçatuba G



À esq., grupo responsável pela alimentação durante mutirão, com Diandra Thomaz, da Fundação Alphaville, ao centro; à dir., membros do grupo em ação de revitalização da estrutura da sede do grupo





Participante do Nova Limpet (SP) em processo de produção da vassoura ecológica

“Nós fizemos dois mutirões para melhorar a estrutura da horta, e para que isso acontecesse, tivemos orçamento da Alphaville Urbanismo e recursos de parceiros mobilizados para o projeto”, conta Ricardo. “Por exemplo, o mercado próximo nos ajudou com alimentos, outra empresa doou e instalou bancos.” Hoje, os 800 m² de área da horta rendem anualmente 30 mil mudas que, além de uma alimentação saudável, geram renda dos excedentes comercializados, socialização e união para os participantes. Desde o início de 2018, foi estabelecida uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação para estimular o aprendizado dos alunos do município sobre saúde e alimentação saudável a partir de visitas e vivências com os participantes da horta comunitária.

Dona Maria Tereza dos Santos Tenório é uma das moradoras de Elias Stefan que se emanciparam com o projeto. Além da renda extra, que ela afirma economizar para um dia realizar o sonho de comprar um carro novo, Dona Maria deixou de tomar diversos medicamentos para depressão. “Hoje, se fico triste, corro para a horta”, afirma, bem-humorada.

Mas o maior legado do projeto, apontado pela própria Dona Maria, é a união entre os participantes. Ela conta que o local virou um ponto de encontro e confraternizações não só entre os produtores, mas familiares e amigos de outros bairros. Por meio da mobilização da comunidade, o espaço foi equipado com armários, fogão e utensílios de cozinha. “Nos reunimos para tomar café e fazer almoço aqui”, conta. “A horta nos deu uma amizade linda, hoje somos uma equipe muito unida.”

NOVA LIMPET

Em Carapicuíba (SP), mulheres vítimas de violência doméstica resolveram tornar-se protagonistas de suas próprias vidas e, para alcançar a tão sonhada independência financeira, formaram o projeto Nova Limpet, um coletivo que produz vassouras a partir de garrafas PET. O grupo, formatado a partir da dissolução da primeira formação do coletivo, necessitava de um novo direcionamento e de uma reformulação da equipe, sob pena de encerrar suas atividades.

A Fundação Alphaville se aproximou do projeto e oficializou a doação do maquinário utilizado pelo grupo anterior, já desfeito. A produção das vassouras foi aprimorada e se formou uma parceria com a prefeitura, que cedeu um prédio ao grupo e passou a fornecer vale-transporte para as mulheres.

“Também possibilitamos que elas passassem por um processo de coaching empresarial durante seis meses”, conta Ricardo Benitez, coordenador de Sustentabilidade. O objetivo era fazer com que as participantes compreendessem com profundidade como funciona um negócio e como fazê-lo prosperar. Com a ajuda dos aprendizados do coaching, entre outras ações, as participantes traçaram um roteiro de pontos de entrega voluntária de resíduos na cidade.

Membro do Nova Limpet (SP) com matéria-prima utilizada pelo projeto, à esq.; e participante do projeto Feira Agroecológica (BA), à dir.



O projeto enfrentava ainda outra dificuldade: captar as garrafas PET, matéria-prima para o processo produtivo. A solução encontrada foi iniciar um *crowdfunding* (espécie de “vaquinha” online) em uma plataforma que atua com causas sociais, a Juntos.com. “Conseguimos um valor de R\$ 9.520 em 20 dias, para comprar um triciclo elétrico com autonomia para rodar 50km/h com uma carga elétrica de quatro horas”, conta Ricardo. Para estimular as contribuições, as mulheres criaram recompensas para os doadores. “Quem doasse R\$ 100, por exemplo, ganhava uma carta de agradecimento redigida de próprio punho por uma delas.”

Atualmente, os oito participantes que compõem o projeto se revezam por período, alguns atuam de manhã e os demais à tarde. Eles complementam o trabalho com outras atividades. Bem-sucedido, o Nova Limpet, que teve início em 2016, já é considerado pela Fundação como um projeto emancipado.

FEIRA AGROECOLÓGICA DE CAMAÇARI

A Secretaria de Cultura de Camaçari (BA) tinha planos de desenvolver novos canais de venda para os produtores de alimentos agroecológicos da região. Em 2017, com o apoio do Boulevard Shopping e da Fundação Alphaville criou, então, a Feira Agroecológica de Camaçari. Por meio da iniciativa, alimentos agroecológicos eram comercializados pelos próprios produtores dentro do shopping parceiro do projeto.

“ Fizemos três dias de encontros de formação da metodologia Convivência que Constrói”, conta Débora Silva e Silva, coordenadora de Projetos Sociais da Fundação Alphaville. “Atendemos no início 12 produtores, expandindo para 25 posteriormente, pois na feira eles trabalham com sistema de parceria para diversificar os produtos vendidos.” Débora explica que os participantes formavam grupos e se revezavam nas seis barracas montadas dentro do shopping, comercializando os próprios itens e os dos demais participantes.

Além de aplicar a metodologia, a Fundação trabalhou o tema empreendedorismo com o grupo de agricultores. “Introduzimos, inclusive, conceitos de marketing”, afirma Débora. A Secretaria de Agricultura foi responsável pela parte técnica de acompanhamento da produção, verificação dos processos agroecológicos e manipulação dos alimentos. O projeto durou de setembro de 2017 a maio de 2018.

Ariel Pinto da Silva, que hoje presta consultoria para agricultores e faz com que os seus produtos cheguem ao consumidor final, participou do projeto. “Ganhamos muito com a visão de empreendedorismo que foi abordada, a maioria dos expositores não tinham isso”, afirma. Ele conta que passou por treinamentos de desenvolvimento de layout da feira e de Programação Neurolinguística.

“Fizemos exercícios de sensibilização para harmonização ambiental entre os participantes”, recorda-se. Ele diz que as atividades fizeram com que todos entrassem no projeto com a intenção de contribuir para a comercialização dos produtos uns dos outros. “Antes disso estávamos bem distantes do trabalho em cooperação”, destaca. “Percebemos que essa iniciativa faz com que a logística da mercadoria seja mais em conta, entre muitas outras vantagens.”

Ariel afirma que sair da rua e entrar em um ambiente cobijado como um shopping center é uma iniciativa de vanguarda na região, e que participar do projeto lhe abriu muitas possibilidades. Atualmente, ele também é coautor e curador de uma feira de agroecologia e artesanato realizada em uma praça, com o apoio da sociedade civil e do poder público. “Muito do que estou fazendo hoje vem do que aprendi com a Feira Agroecológica”, ressalta. “Foi uma experiência bastante importante para mim, trouxe conhecimentos que me permitem acertar em outros projetos.”

“MUITO DO QUE ESTOU FAZENDO HOJE VEM DO QUE APRENDI COM A FEIRA AGROECOLÓGICA. FOI UMA EXPERIÊNCIA MUITO IMPORTANTE PARA MIM, TROUXE CONHECIMENTOS QUE ME PERMITIRAM ACERTAR EM OUTROS PROJETOS.”

Ariel Pinto da Silva
participante do projeto Feira Agroecológica de Camaçari



À esq., atividades do grupo de integrantes da Feira Agroecológica de Camaçari e, à dir., agricultora participante do projeto





PEIXE NA REDE

A menos de 100 km de distância de Camaçari, em Feira de Santana (BA), outro projeto apoiado pela Fundação Alphaville trouxe novas perspectivas a um grupo local. Tudo começou em 2013 com a possibilidade de um empreendimento que teria uma marina, a ser realizado pela Alphaville Urbanismo. Por meio de pesquisas, foi detectado que o rio local estava morrendo e que a população estava perdendo espaço produtivo.

“A Fundação começou a interagir com a comunidade para entender melhor a realidade e recebeu esse projeto, que era o da piscicultura comunitária com tilápia em cativeiro”, relata Débora Silva e Silva, coordenadora de Projetos Sociais da Fundação Alphaville. “O presidente da associação de pescadores nos chamou, a prefeitura entrou como parceira e em 2014 começamos a organizar e a implantar o projeto Peixe na Rede.”

No entanto, o avanço de uma vegetação aquática começou a dificultar a atuação da Fundação e dos pescadores. “A vegetação aparecia em blocos nos locais onde havia os tanques”, conta Débora. “Passamos um ano e meio em processo de estudos com especialistas de diversos órgãos para entender e controlar o fenômeno, que era causado por vários fatores nos quais não tínhamos como interferir.”

Por conta disso, o projeto foi transferido para outro local, área onde está atualmente. “Estamos em fase de despesca e comercialização gradual”, afirma Débora. “Optamos por dois módulos de venda: metade para frigoríficos de médio e grande porte, e o restante para pequenos comerciantes locais.”

Atualmente, há 11 toneladas de peixes nos tanques. Em função da troca de localização do projeto, dos 25 participantes originais, restaram 11. Com isso, o Peixe na Rede foi redimensionado. “Isso acabou sendo muito bom, pois os produtores que decidiram continuar se empoderaram e adquiriram muito conhecimento técnico”, enfatiza a coordenadora.



Participantes do projeto Peixe na Rede (BA)

Ela afirma que se trata de um grupo muito coeso e assertivo, todos se envolvem com a produção e a venda dos peixes, além de dividirem bem o trabalho. Há planos para ampliar o projeto. “É um grupo consolidado, com regras estabelecidas, o que possibilitará a ampliação e inclusão de novos integrantes, sem que se perca a essência proposta”, ela diz.

Todo o aprendizado do processo fortaleceu os pescadores, tanto no que diz respeito ao projeto quanto em sua relação com a comunidade. A recente implantação da etapa comercial trouxe benefícios importantes, como a venda de mais de duas toneladas de peixes a comerciantes locais, e a preços acessíveis para a comunidade ribeirinha, impactando positivamente a saúde dos moradores e a economia local, além de contribuir para a preservação do Rio Jacuripe. “Resultados como esse nos motivam a acreditar cada vez mais que a resiliência dos territórios está diretamente relacionada ao potencial e desenvolvimento das pessoas que fazem parte dele”, finaliza Débora.



EXPEDIENTE

Fundação Alphaville

Diretoria Executiva | Fernanda Toledo de Oliveira

Equipe

Aline Ferreira Caldeira de Oliveira

Ricardo Moreira Benitez

Graça Rodrigues de Oliveira

Débora Silva e Silva

Vanessa Leonel Peterka

Diandra Thomaz da Silva

Mariana Victorino

Valquiria Falbo

Conselheiros

Cláudia Maria Ayres Yassuda

Marcelo Renaux Willer

Klausner Monteiro

Guilherme de Puppi

Gualter Augusto Fernandes Afonso Júnior

Giovana Guardia Kill Porteiro

Fotos

Acervo Fundação Alphaville

Apoio

JRG Comunicação

AVS Sustentável

Produção editorial e gráfica

Signature Comunicação

www.signature.srv.br

Texto | Marina Rodriguez

Design | Karen Saji

fundação **alphaville**